

Da “servidão dos juros” à “colônia de banqueiros”: uma análise dos escritos de Gottfried Feder e Gustavo Barroso

Marcelo Alves de Paula Lima
Bacharel em História
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
marceloapl@yahoo.com.br

RESUMO: Buscamos estabelecer diálogos entre os escritos de dois importantes ideólogos: um nazista, Gottfried Feder, e outro integralista, Gustavo Barroso. Notamos, em ambos os autores, a defesa da moralização da economia e um chamado à luta contra as altas finanças internacionais, associadas ao judeu. O tema da opressão dos bancos e dos juros é mobilizado de forma bastante similar nas duas obras. Diferente, porém, de Barroso, Feder defendia um projeto engajado no expansionismo imperialista e no desenvolvimento industrial.

PALAVRAS-CHAVE: nacional-socialismo, integralismo, anti-imperialismo.

ABSTRACT: We sought to establish dialogues between the writings of two distinguished ideologue: a nazi, Gottfried Feder, and an integralist one, Gustavo Barroso. Both authors call for the moralization of the economy and for the struggle against the international high finances, which are linked to the Jewish people. The theme of the oppression from banks and interests is mobilized in a very similar way in the two books. Unlike Barroso, however, Feder stood up for a project that was engaged on the imperialist expansion and the industrial development.

KEYWORDS: national-socialism, integralism, anti-imperialism.

Introdução

O presente trabalho se concentrará no plano das ideias integralistas e nazistas em seus estágios iniciais, tentando estabelecer diálogos entre ambos os discursos. Robert Paxton nos alerta que, se nos concentrarmos em demasia no estudo dos escritos dos primeiros ideólogos fascistas, correremos o risco de exagerar seu aspecto antiburguês e sua crítica ao capitalismo – aspectos esses que desvaneciam à medida que o fascismo se aproximava do poder¹. Porém, como bem observou Eugen Weber, a história nos mostra muitos outros grupos políticos que, uma vez no poder e pelos mais diversos motivos, não se mantiveram fiéis às suas doutrinas².

¹ PAXTON, Robert O. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 98, 102.

² WEBER, Eugen. *Varieties of fascism: doctrines of revolution in the twentieth century*. Princeton: D. van Nostrand, 1964, p. 10.

A importância desse trabalho está em realizar uma comparação entre nacional-socialismo e integralismo recorrendo ao texto de um ideólogo nazista, recurso que não notamos em outros trabalhos. Pretendemos dar continuidade a trabalhos como o de Felipe Cazetta³, empenhados em analisar os autores que influenciaram o pensamento integralista. Cazetta estuda os autores brasileiros que influenciaram as ideias de Plínio Salgado, como Alberto Torres e Oliveira Vianna. Aqui, tentaremos analisar como as ideias de um autor nazista dialogam com o integralismo de Gustavo Barroso, bem como possíveis apropriações do primeiro pelo segundo, sempre tendo em mente que o integralismo foi um movimento “autônomo, surgido das circunstâncias históricas, sociais e políticas da sociedade brasileira da época [e] tinha toda uma doutrina adaptada a esta realidade, o que o diferenciava em muitos pontos do nazismo.”⁴

Jefferson Rodrigues Barbosa observa que os integralistas sempre reafirmaram a originalidade de sua doutrina ante os regimes fascistas europeus, especialmente após a implantação do Estado Novo, quando o jornal *Ação* pautou seus artigos no sentido de desvencilhar o integralismo de manifestações europeias⁵. Porém, os trechos d’*Ação* de dezembro de 1937, que Barbosa cita, contém passagens que já haviam sido escritas por Barroso em *O quarto império* (1935) e *O integralismo e o mundo* (1936)⁶. Em todo o caso, o fato de os integralistas dizerem que não eram fascistas não é, por si só, um indicativo do caráter não-fascista de sua ideologia. Os escritos integralistas devem ser lidos, como nos recomenda Le Goff, como monumentos: tentativas conscientes ou inconscientes de um grupo ou sociedade de passarem uma imagem de si mesmos⁷. Cabe a nós perscrutar as intenções daqueles que os produziram e não aceitar ingenuamente a imagem que queriam passar de si. Um dos grandes trunfos do sigma, segundo seus adeptos, era sua não-filiação a ideias estrangeiras. Enquanto o liberalismo e o marxismo seriam ideias importadas, o integralismo era considerado a única doutrina tipicamente brasileira e, por isso, a única capaz de lidar com os problemas do país. Por isso a insistência dos integralistas em reafirmar a originalidade de sua doutrina, configurando a “falácia autonomística” de que nos fala Gilberto Vasconcellos⁸.

³ CAZETTA, Felipe. *Fascismos e Autoritarismos: a cruz, a suástica e o caboclo – fundações do pensamento político de Plínio Salgado – 1932-1945*. Dissertação (Mestrado em História) – UFJF, Programa de Pós-Graduação em História, Juiz de Fora, 2011, 172p.

⁴ CRUZ, Natália dos Reis. *O integralismo e a questão racial: a intolerância como princípio*. Tese (doutorado em história). UFF, Programa de Pós-Graduação em História, Niterói, 2004, p. 47.

⁵ BARBOSA, Jefferson Rodrigues, *Sob a sombra do eixo: camisas-verdes e o jornal integralista Ação (1936-1938)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Unesp, Marília, 2007. P. 103, 106.

⁶ Comparar: *Ação* citado em BARBOSA, Jefferson Rodrigues, *Sob a sombra do eixo: camisas-verdes e o jornal integralista Ação (1936-1938)*, p. 183, 184 com BARROSO, Gustavo. *O quarto Império*. Rio de Janeiro: livraria José Olympio, 1935, p. 174 e _____. *O integralismo e o mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936, p. 16-17. A diferença é que, no jornal, substituiu-se “integralismo” por “ex-integralismo”.

⁷ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5ª edição. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP. 2003. 541p.

⁸ VASCONCELLOS, Gilberto. *A ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979, p. 57, 58.

Gottfried Feder e Gustavo Barroso

Escolhemos trabalhar com Gustavo Barroso e Gottfried Feder não só porque foram importantes ideólogos de seus respectivos movimentos, mas também porque ambos têm discursos muito similares, especialmente no ataque que empreendem aos juros e ao capital financeiro. O fato de Barroso ter sido um leitor de Feder também foi um fator que poderia enriquecer essa análise. Ambas as obras analisadas – *Das Programm der NSDAP* e *Brasil, colônia de banqueiros* – têm um teor panfletário e pouco reflexivo, o que facilita o diálogo entre elas⁹.

Gottfried Feder (1883-1941) foi o responsável por elaborar a doutrina econômica do Partido Nacional-socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP). Nascido na cidade bávara de Würzburg, Feder é descrito por Shirer como um “engenheiro-construtor e maníaco por questões econômicas”. Em 1917, Feder funda a Liga de Combate Alemã para a Abolição da Escravidão dos Interesses Pessoais. Sua palestra na sede do Partido dos Trabalhadores Alemães, em 1919, despertou o interesse de Hitler, que se filiou e tomou as rédeas do partido, vindo a transformá-lo no NSDAP¹⁰.

Já Gustavo Barroso (1888-1959) nasceu em Fortaleza, Ceará, vindo a ingressar na Ação Integralista Brasileira (AIB) em 1933. Na hierarquia da AIB, ele estava atrás apenas do chefe nacional, Plínio Salgado. Entre as lideranças integralistas, ele destacava-se por seu antissemitismo. Nos escritos de Barroso vemos que ele foi influenciado por ideólogos nazistas ou que haviam contribuído para a doutrina nacional-socialista, como Alfred Rosenberg, Houston Stewart Chamberlain e Gottfried Feder. Em 1934, Artur Schmidt-Elskop, ministro alemão no Brasil, escrevia que Gustavo Barroso havia lhe consultado, demonstrando interesse em materiais sobre o nacional-socialismo¹¹. Ademais, um relatório policial de janeiro de 1937 mostra que entre os exemplares da biblioteca do núcleo integralista de Cantagalo-RJ estava uma edição de *Bases do nacional-socialismo*, de Gottfried Feder¹².

Tanto em Barroso como em Feder, vemos uma denúncia constante do que os autores chamam de “mamonismo”, a adoração compulsiva da riqueza. Por trás do mamonismo estaria o grande capital financeiro internacional que esmaga o direito de autodeterminação dos povos. No topo dessa maquinação estaria aquilo que Feder chama de “plutocracia internacional”¹³. Barroso acusa o capitalismo internacional de forçar os países a sacrificarem enorme parcela de

⁹ “[Os livros de Gustavo Barroso] são panfletos grosseiros, sem elaboração teórica, sem constituírem uma obra de reflexão, como as de Plínio Salgado e de Miguel Reale, por exemplo. (...) No discurso fascista, essa diferença entre ideólogos e panfletários tende a ser diluída”. CYTRYNOWICZ, Roney. *Integralismo e antissemitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 1930*. Dissertação (mestrado em história). USP, Programa de Pós-Graduação em História, 1992, p. 12.

¹⁰ SHIRER, William Law. *Ascensão e queda do Terceiro Reich*. 6ª edição, Volume 1, Tradução de Pedro Pomar, Leonidas Gontijo de Carvalho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p. 67-68.

¹¹ HILTON, Stanley. *O Brasil e a crise internacional (1930-1945): cinco estudos*. Coleção Retratos do Brasil, volume 99. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977, p. 33, 34.

¹² CRUZ, Natália dos Reis. *O integralismo e a questão racial: a intolerância como princípio*, p. 39.

¹³ BARROSO, Gustavo. *Espírito do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936, p. 275, 276. FEDER, Gottfried. *Das Manifest zur Brechung der Zinsknechtschaft des Geldes*. Munique: Verlag Jos. C. Huber, 1919, p. 5.

seu orçamento para o pagamento de dívidas. Ele define esse estado como uma “servidão dos juros do dinheiro”, apropriando-se da expressão cunhada pelo engenheiro alemão¹⁴.

Gottfried Feder e a “servidão dos povos”

Klaus-Dietmar Henke observa que o poder descomunal dos bancos foi um dos alvos prediletos do discurso nacional-socialista. Tais críticas vieram a se somar àquelas que já eram comuns desde o fim do século XIX, com o crescimento da importância dos bancos na economia alemã. O poder cada vez maior do sistema bancário, transcendendo a dimensão regional, alimentava discursos que denunciavam a “autoridade do capital financeiro”. Os ideólogos nazistas viam no capital financeiro um entrave à economia nacional (*Volkswirtschaft*), que só poderia se desenvolver se prevalecesse a harmonia entre patrões e trabalhadores¹⁵. Em Gottfried Feder, esse ódio aos bancos se expressa de forma exemplar.

O cenário no qual o nacional-socialismo emergiu era marcado por conflitos. As elites eram acusadas de concentrar cada vez mais riquezas, ignorando o sofrimento das massas e deixando-as à mercê dos comunistas. Ao narrar a história do nacional-socialismo, Walter Frank, importante historiador do Terceiro Reich, destaca a virtude de Hitler ao reconhecer o quanto as antigas camadas dirigentes da Alemanha imperial estavam obsoletas, incapazes que eram de compreender a psicologia das massas. Só Hitler teria compreendido a necessidade de se criar um novo nacionalismo, baseado no povo e atento às suas carências¹⁶. Por outro lado, recrudesciam os movimentos operários e os conflitos sociais e crescia o medo do comunismo. Portanto, o nacional-socialismo veio à tona com a proposta de uma terceira via ao comunismo e ao capitalismo liberal. É o que vemos na seguinte passagem:

As pessoas que agiram de forma economicamente irracional no passado já não conseguem domar o caos reinante. Espremidas por cima pelos impostos e juros, ameaçadas por baixo pelo rancor anormal das massas de trabalhadores, elas se jogaram à cegueira absurda do capital financeiro e do “Estado” a seu serviço. Os espoliadores que se beneficiam desse estado de caos permitirão a essas pessoas figurarem somente como guardadores de escravos da massa.¹⁷

A escolha do termo “espremidas” (*ausgepreßt*) demonstra a situação delicada em que as camadas médias alemãs se encontravam, hostis às altas finanças que as empurravam para a proletarianização, mas temerosas diante do recrudescimento do movimento operário. A própria trajetória de Hitler representa esse estado de coisas. Ao ver os recursos de sua herança se

¹⁴ BARROSO, Gustavo. *A palavra e o pensamento integralista*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935, p. 94, 95.

¹⁵ HENKE, Klaus-Dietmar. *Die Dresdner Bank 1933-1945: Ökonomische Rationalität, Regimenähe, Mittäterschaft*. Munique: R. Oldenbourg Verlag, 2006, p. 12, 25, 26.

¹⁶ FRANK, Walter. *Zur Geschichte des Nationalsozialismus*. Hamburg: Hanseatische Verlagsanstalt, 1938, p. 12.

¹⁷ FEDER, Gottfried. *Das Programm der NSDAP und seine weltanschaulichen Grundgedanken*. Munique: Verlag Frz. Eher Nachf., 1932, p. 25 (todos os trechos das obras de Gottfried Feder aqui reproduzidos foram traduzidos por mim).

esgotarem, Hitler passou por dificuldades financeiras, passando frio e fome, ao mesmo tempo em que se recusava a procurar um emprego regular. Seu grande temor – como o de grande parte da pequena burguesia alemã – era cair nas fileiras do proletariado. Foi justamente esse medo da proletarização que o nacional-socialismo soube explorar tão bem¹⁸.

Coube a Gottfried Feder redigir o programa do Partido Nacional-socialista dos Trabalhadores Alemães em 1920. Neste programa encontramos importantes documentos, como os 25 pontos do partido. Eis o que diz o autor sobre a questão agrária:

O sentido e o espírito do programa mostram com clareza incomparável que o nacional-socialismo é um convicto inimigo do marxismo, recusando de forma veemente o ensinamento destrutivo da “expropriação de toda propriedade” e vendo no campesinato tradicional, inimigo do internacionalismo marxista, o melhor e mais seguro fundamento do Estado nacional. Mas também como forte inimigo do grande capital e de seus vícios, que busca mobilizar todos os trabalhos agrícolas e explorar os camponeses por meio de juros e impostos, o nacional-socialismo exige proteção estatal da propriedade agrária contra o ataque dos bancos e das finanças.¹⁹

Logo, a crítica de Feder ao capitalismo não questionava a propriedade privada. O próprio capitalismo era identificado como uma ameaça à propriedade privada, visto que os bancos eram acusados de explorar os proprietários com juros e especulação. Se, por um lado, o comunismo aboliria a propriedade privada, por outro o capitalismo promoveria a concentração de riquezas nas mãos de um grupo cada vez mais restrito. O autor valoriza o campesinato tradicional, pois sua ligação à terra é um contraponto ao espírito cosmopolita e desenraizado representado pelo judeu.

Feder observa ainda que “Três grandes inimigos se colocam contra a realização do programa nacional-socialista: o marxismo, o parlamentarismo e, acima de ambos, o grande capital financeiro.”²⁰ Nota-se, portanto, uma desconstrução do antagonismo entre comunismo e capitalismo, ambos acusados de se aliarem na mesma empreitada:

Capitalismo e marxismo são uma coisa só! Eles derivam dos mesmos fundamentos espirituais. Nós, nacional-socialistas, somos seus maiores inimigos porque nos separa um mundo; separa-nos toda uma noção de construção da sociedade. Para nós não se trata de classes ou luta de classes, de classes ou egoísmo de classes – o bem geral é a lei primordial.²¹

A luta de classes é tida como um fator negativo, pois desagrega a nação e incita ao egoísmo, colocando os interesses de uma classe acima dos interesses das demais. Logo, por mais que o autor valorize o campesinato tradicional, ele faz questão de dizer que o nacional-socialismo não se atém a particularismos de classe.

¹⁸ SHIRER, William Law. *Ascensão e queda do Terceiro Reich*, p. 43.

¹⁹ FEDER, Gottfried. *Das Programm der NSDAP*, p. 13.

²⁰ _____. *Das Programm der NSDAP*, p. 38.

²¹ _____. *Das Programm der NSDAP*, p. 57.

Desacreditando o capitalismo e o comunismo em suas capacidades de mudarem os rumos da Alemanha, Feder tenta passar ao seu leitor a ideia de que somente o nacional-socialismo estaria verdadeiramente comprometido com os interesses nacionais:

Apesar de todos os gritos marxistas, apesar das frases piedosas do *Zentrum*, apesar dos clamores da economia contra o fardo dos impostos e dos juros, desconhece-se o verdadeiro inimigo mundial, composto pelo cerne do grande capital e por seus representantes: os judeus. O povo é chicoteado pelos juros, todas as camadas sociais estão com os cobradores de impostos em seu encaço – mas quem se atreve a levantar-se contra a onipotência dos bancos e do capital financeiro? Contrariando todas as experiências, o capital financeiro, sem esforço e sem trabalho, cresce por si só cada vez mais, por meio dos juros, dividendos e aluguéis, tornando-se cada vez mais poderoso. [...] Nós todos sabemos que nem os partidos de esquerda, com seus gritos mentirosos de “abaixo o capitalismo!”, nem os partidos de direita com suas frases patrióticas têm a competência de inaugurar uma nova época mundial [...].²²

Desse modo, somente os nazistas poderiam resolver os problemas alemães, pois somente eles conheceriam as raízes desses problemas. Tais raízes estariam nos judeus. Ao escrever que “todas as camadas sociais estão com os cobradores de impostos em seu encaço”, Feder despoja o nacional-socialismo de qualquer caráter classista. Enquanto o marxismo agiria em benefício de uma classe específica, o nacional-socialismo lutaria em prol da nação. Essa capacidade de manobra foi um dos grandes trunfos dos partidos fascistas, inclusive do nacional-socialismo. Enquanto os demais partidos identificavam-se com determinado segmento da sociedade, os nazistas conseguiam elaborar um discurso que transcendia as classes e alcançava a todos. Logo, o NSDAP foi “o primeiro partido alemão a se dirigir a diferentes categorias profissionais com discursos talhados sob medida para cada uma delas, não se importando se esses discursos fossem contraditórios.”²³ É o que vemos nesse trecho:

Governo contra povo, partidos contra partidos originando as mais improváveis alianças, parlamentos contra governos, trabalhadores contra patrões, consumidores contra produtores, comerciantes contra produtores e consumidores, inquilinos contra proprietários, trabalhadores contra fazendeiros, funcionários públicos contra o público, classe trabalhadora contra “burguesia”, Igreja contra Estado, todos furiosamente engajados na luta contra seus inimigos, todos tendo apenas uma coisa em mente – seus próprios interesses pessoais, sua posição de poder, o interesse dos seus despojos [...]. Não se pensa mais na prosperidade dos compatriotas, não se olha para as necessidades da coletividade, não cessa a caça incessante por enriquecimento próprio.²⁴

O autor também aproveita para desqualificar o compromisso dos marxistas com a classe trabalhadora:

²² _____. *Das Programm der NSDAP*, p. 29, 30-31.

²³ PAXTON, Robert O. *A anatomia do fascismo*, p. 117.

²⁴ FEDER, Gottfried. *Das Programm der NSDAP*, p. 27.

[...] mas quem, nos últimos meses, ouviu falar de trabalhadores marxistas que tenham matado seus patrões, seus correligionários, ou até mesmo um usurário e grande sugador de sangue a serviço dos bancos e da bolsa? As vítimas desse caos foram simples e humildes trabalhadores. [...] os marxistas figuram como os grandes espoliadores de sua própria classe [...].²⁵

A retórica anticapitalista de Feder causou embaraços a Hitler quando ele precisou recorrer ao apoio do empresariado alemão. Muitos, como Joseph Goebbels, aderiam ao NSDAP atraídos justamente pelo teor “socialista” do programa redigido por Feder. Esses elementos compunham o que Shirer chamou de “ala proletária” do partido. As lideranças manobravam entre os dois lados a fim de que Feder, Goebbels e os irmãos Strasser continuassem iludidos com o teor “socialista” do programa nazista, ao mesmo tempo em que asseguravam que os grandes capitalistas seguissem apoiando o partido²⁶. É por isso que Hitler, ao discursar para empresários, omitia os 25 pontos do NSDAP reunidos no programa do partido²⁷. Um desses pontos, o número 17, defendia a reforma agrária, a desapropriação sem indenização para uso comum e a proibição da especulação agrária. Em abril de 1928, Hitler faria um esclarecimento acerca do ponto 17, argumentando que a desapropriação dizia respeito somente às propriedades que atentassem contra o bem nacional (*Volkswohl*), com destaque para a especulação agrária judaica²⁸.

Sendo assim, o nacional-socialismo não podia atacar o capitalismo de forma generalizada. Tal atitude acabaria gerando temor nos grandes capitalistas alemães, de cujo apoio os nazistas dependiam. Como expressão dessa situação delicada, a crítica ao capitalismo empreendida por Feder é bastante seletiva, pois ao mesmo tempo em que critica o capitalismo, o autor associa o capitalismo ao judeu, isentando a burguesia alemã de culpa. Segundo Jeffrey Herf, o antisemitismo foi bastante instrumental na crítica conservadora ao capitalismo, pois ele permitia atacar a modernidade sem atacar as relações de classe e propriedade. Assim, criticava-se o judeu, símbolo de todos os males da modernidade e sempre associado às altas finanças, mas a propriedade privada ficava imune a esse ataque. Tem-se, portanto, um anticapitalismo seletivo, e não uma rejeição indiscriminada da modernidade²⁹. Por isso a insistência de Feder em associar o capitalismo e o comunismo ao judeu. Ambos seriam forças cosmopolitas por meio das quais o judeu levaria a cabo seu plano de desagregação das pátrias:

Nossa luta antimarxista se dirige contra os ensinamentos destruidores do Estado professados pelo judeu Karl Marx, contra os ensinamentos destruidores de nacionalidade da luta de classes, contra os ensinamentos destruidores da economia que negam a propriedade privada e contra a concepção de história puramente econômica e materialista.³⁰

²⁵ _____. *Das Programm der NSDAP*, p. 24.

²⁶ SHIRER, William Law. *Ascensão e queda do Terceiro Reich*, p. 220, 221.

²⁷ PAXTON, Robert O.. *A anatomia do fascismo*, p. 117, 118.

²⁸ FEDER, Gottfried. *Das Programm der NSDAP*, p. 20, 21.

²⁹ HERF, Jeffrey. *O modernismo reacionário: tecnologia, cultura e política em Weimar e no Terceiro Reich*. Estante do Pensamento Crítico, tradução de Claudio F. da S. Ramos. São Paulo: Ensaio, Unicamp, 1993, p. 164.

³⁰ FEDER, Gottfried. *Das Programm der NSDAP*, p. 38.

No caso de Feder, a denúncia da supremacia do capital financeiro não apenas explicava a situação de opressão em que a Alemanha se achava, mas servia também como fundamento político-científico para o antissemitismo. Hitler, por exemplo, via nos escritos do engenheiro bávaro uma boa oportunidade para fundamentar “racionalmente” o seu ódio aos judeus³¹.

Entre os 25 pontos do partido, Feder destaca o ponto 11, que defende a “quebra da servidão dos juros” (*Brechung der Zinsknechtschaft*), um dos grandes motes do seu discurso. Segundo Feder, a servidão dos juros era a situação na qual vários povos do mundo se encontravam de submissão à opressão do dinheiro e dos juros, todos controlados pelas altas finanças judias. O autor defende ainda que a “quebra da servidão dos juros é o eixo de aço em torno do qual [todas as demais questões] giram”, a ponto de tal quebra significar a “solução da questão social”³². Ao questionar a legitimidade da cobrança de juros, Feder prega que a economia devia recuperar sua função primordial de servir ao homem. Tal função teria sido desvirtuada pelos judeus, que se aproveitavam da economia para alcançar interesses egoístas:

A tarefa da economia nacional é suprir as necessidades, e não fornecer maior rentabilidade ao capital financeiro. Essa política econômica abrange o ponto de vista nacional-socialista acerca da propriedade privada, acerca da construção de nossa economia em suas diversas formas de organização (pequena, média, grande e imensas propriedades – cartéis e trustes) e as mais importantes questões, que dizem respeito ao fato de que a economia nacional não deve significar espoliação nacional, nem uma economia calcada em lucros! [...] O sistema monetário está a serviço do Estado; o poder financeiro não pode constituir um Estado dentro do Estado.³³

Esse “Estado dentro do Estado” é identificado como o responsável por ter arrastado a Alemanha à situação de prostração na qual ela se achava. Conclui-se, então, que a Alemanha “não é mais um Estado soberano. A Alemanha é uma colônia escravizada. Os alemães foram reprimidos, jogados na prisão e proibidos de se expressarem apenas porque permaneceram alemães e quiseram se livrar da escravidão.”³⁴

Por mais que criticasse o capitalismo, Feder nunca se mostrou refratário à industrialização. Jeffrey Herf observa que o engenheiro bávaro distinguia dois tipos de capital: o “capital criador” e o “capital parasitário”. Este último era associado ao capital financeiro judaico, que não era produtivo e beneficiava apenas um grupo restrito de pessoas. Já o capital criador era o capital industrial, produtivo, que beneficiava toda a nação e inibia os conflitos de classe. O conflito “capital X trabalho” ganha, assim, uma interpretação nacionalista, e tem-se uma retórica anticapitalista que não questiona as relações de propriedade³⁵. Enquanto os negócios judaicos eram considerados meios para conferir rentabilidade ao capital, os empreendimentos alemães seriam aqueles nos quais a economia servia à comunidade, e não o

³¹ HENKE, Klaus-Dietmar. *Die Dresdner Bank 1933-1945*, p. 26.

³² FEDER, Gottfried. *Das Programm der NSDAP*, P. 20, 31.

³³ _____. *Das Programm der NSDAP*, P. 33.

³⁴ _____. *Das Programm der NSDAP*, P. 41.

³⁵ HERF, Jeffrey. *O modernismo reacionário*, p. 211, 212.

contrário. Contrastando o “verdadeiro empresário” com o banqueiro, Feder enuncia que o primeiro deve

[...] reconhecer as verdadeiras necessidades econômicas da nação [...] e então sondar os melhores e mais baratos procedimentos de produção, reduzir os preços ao máximo para introduzir seus produtos, entregar mercadorias impecavelmente, assegurar o abastecimento, remunerar bem os seus trabalhadores a fim de ter neles consumidores de seus produtos, estar sempre atento às novidades e melhorias na empresa e nas vendas. Caso o empresário assuma essas ações como diretrizes máximas de seu negócio, ele estará servindo da melhor maneira possível à “satisfação das necessidades” e o lucro virá por si próprio, sem que ele precise lutar por ele como seu grande objetivo. O exemplo mais evidente e mais bem conhecido desse tipo de empresário é Henry Ford. Não menos expressivos nesse sentido são os verdadeiros grandes criadores de nossa indústria pesada: os Krupp, Kirdorf, Thyssen, Abbé, Mannesmann, Siemens, apenas para citar alguns.³⁶

Esse trecho é um exemplo do que Felipe Cazetta apontou como sendo as “relações heterodoxas que eram estabelecidas entre fascismos, capitalistas e conservadores, na formação de alianças políticas, visando a aceitação fascista pela opinião pública”³⁷. Feder achava louvável a industrialização e a modernização tecnológica, embora advertisse que os proprietários de fábricas deveriam zelar primordialmente pela qualidade dos seus produtos e pelo bem-estar de seus trabalhadores e da população em geral. Os lucros seriam apenas uma recompensa merecida. Segundo Lukács, o racismo simplifica o raciocínio anticapitalista romântico, resumindo o problema do capitalismo a um problema da “raça” daqueles que detêm o capital e dos princípios pelos quais eles dirigem esse capital. Desde que esse capital esteja nas mãos dos alemães e seja empregado em prol da nação, ele não deve ser atacado. Ainda segundo Lukács, esse raciocínio servia para justificar a agressão imperialista alemã. Tendo em vista que a exploração não era feita por uma classe sobre a outra, mas por uma raça ou nação sobre a outra, a Alemanha teria o direito de se insurgir contra as potências que, no seu entender, aliavam-se aos interesses judaicos³⁸. Não se tratava, portanto, de proletários contra burgueses, mas de países proletarizados contra nações capitalistas. Longe de uma luta de classes, propunha-se uma luta entre nações exploradas e nações exploradoras³⁹.

O discurso de Feder está sintonizado com o modernismo reacionário alemão. Werner Sombart (1863-1941), por exemplo, acusava o mercador judeu de prender seus consumidores pelos preços baixos, obtidos graças à produção de uma grande quantidade de bens, sem se preocupar com a qualidade dos mesmos. O autor, assim como Feder, exaltava a produção para uso, bem como as virtudes empresariais mais antigas, típicas das pequenas e médias empresas, nas quais a esfera da produção era mais importante do que a esfera da circulação. Já

³⁶ FEDER, Gottfried. *Das Programm der NSDAP*, p. 46, 47.

³⁷ CAZETTA, Felipe Azevedo. *Fascismos e Autoritarismos: a cruz, a suástica e o caboclo – fundações do pensamento político de Plínio Salgado – 1932-1945*, p. 69.

³⁸ LUKÁCS, Georg. *El asalto a la razón*. Tradução de Wenceslao Roces. México: Fondo de cultura económica, 1959, p. 595.

³⁹ KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1977, p. 11, 12.

a visão depreciativa do banqueiro era marcante nos escritos de Oswald Spengler, outro representante da tradição modernista reacionária⁴⁰.

Apesar de identificar todas as nações do mundo como vítimas da “servidão dos juros”, Feder destaca apenas o papel dos alemães na luta contra esse inimigo. Tal luta seria um combate do espírito alemão contra o espírito judaico:

Em última instância, tem-se um embate entre duas concepções de mundo que se expressam por meio de duas estruturas espirituais: o espírito criador e o espírito errante e rapace. O espírito enraizado e criador, mas que se eleva acima das vivências mundanas, tem o seu principal representante nos homens arianos; o espírito rapace, desenraizado, materialista e mundano, típico de mercadores, encontra nos judeus os seus principais representantes.⁴¹

Assim, a revolução nacional-socialista não seria de cunho político, social ou econômico, mas de cunho espiritual, “contra o espírito judaico-materialista dentro e fora de nós”, sendo que “o efetivo restabelecimento de nosso povo só pode ser alcançado de dentro para fora.”⁴²

Ao propor a reunião de todos os alemães em uma mesma fronteira e a restauração do império colonial alemão, o autor endossa o caráter ofensivo da política externa nacional-socialista: “queremos ter novamente um Império Alemão livre e esse futuro Império Alemão livre deve ser o lar dos alemães”. É por isso que “Todos aqueles que têm sangue alemão e que hoje se acham sob autoridade dinamarquesa, polonesa, tcheca, italiana ou Francesa devem ser reunidos em um Império Alemão.” Além disso, entre os 25 pontos, achamos, logo de início, os pontos 1 e 3, que enunciam, respectivamente: “Nós exigimos a reunião de todos os alemães em uma grande Alemanha, com base no direito de autodeterminação dos povos” e “Nós exigimos terra e solo (colônias) para o sustento de nosso povo e para o escoamento de nosso excedente populacional.”⁴³ Curiosamente, porém, Feder concluiria sua obra *Das Manifest zur Brechung der Zinsknechtschaft des Geldes*, anterior à criação do NSDAP, com uma frase que sugere uma luta universal contra o capitalismo financeiro: “Levantem-me as mãos, trabalhadores de todos os países, uni-vos!”⁴⁴

Gustavo Barroso e a “colônia de banqueiros”

Brasil, colônia de banqueiros, escrito em 1934, foi um dos livros mais famosos de Gustavo Barroso. Analisando os empréstimos contraídos com banqueiros estrangeiros de 1824 até 1934, sobretudo banqueiros de origem judaica, Barroso conclui que o Brasil nunca teria sido

⁴⁰ HERF, Jeffrey. *O modernismo reacionário*, p. 77, 154, 155, 156, 157, 161, 162, 164.

⁴¹ FEDER, Gottfried. *Das Programm der NSDAP*, p. 38, 39.

⁴² _____. *Das Programm der NSDAP*, p. 22.

⁴³ _____. *Das Programm der NSDAP*, p. 19.

⁴⁴ FEDER, Gottfried. *Das Manifest zur Brechung der Zinsknechtschaft des Geldes*, p. 62.

soberano, pois à independência política se seguiria a dependência econômica. Conclui, portanto, que “É urgente que os governos deixem de ser, como os qualifica Gottfried Feder, cobradores de juros por ordem de senhores anônimos.”⁴⁵

Reparai que com vinte e um anos de vida independente, estamos sempre com a corda ao pescoço, fazendo empréstimos para pagar juros de outros empréstimos, cujas sobras incorporamos a novos empréstimos, círculo vicioso em que temos vegetado até hoje, cada vez pior. [...] Os juros são, como se vê, uma invenção mirífica. Sobretudo os juros de usura.⁴⁶

Tal como Feder, Barroso vê nos juros um instrumento pelo qual a economia escraviza a nação ao invés de servi-la. Ambos reivindicavam o retorno de uma função moralizadora para a economia, acusando o judeu de ter desvirtuado essa função. Do Império à República, Barroso traça o retrato de um país espoliado pelo capital estrangeiro e pelos banqueiros – constatação que redundava em ódio aos juros e à transformação da moeda em mercadoria. Dialogando com Feder, que denuncia a existência de poderes paralelos ao Estado na Alemanha, Barroso escreve:

Apregando a sua pretensão de formarem assim um Estado dentro dos outros Estados ou superior a todos os Estados, os judeus apelam para os conceitos de raça e de religião, quando qualquer nação procura impedir a formação dessas entidades nacionais, verdadeiros quistos no seu organismo.⁴⁷

Ainda que a crise de 1929 não tenha atingido o Brasil de forma tão profunda, ela gerou um sério descontentamento em relação aos postulados liberais na economia e na política. Como nos mostra Sérgio Miceli, isso era verdade especialmente para a intelectualidade integralista, cujos representantes, em grande parte, haviam apoiado as oligarquias dominantes na Primeira República. Cientes, após 1930 (e principalmente após 1932), de que essas oligarquias haviam sido aliadas de vez do poder e acreditando que sua geração definiria os rumos da nação, vários intelectuais de proa da AIB tomaram a Primeira República como prova da decadência do liberalismo e passaram a atacá-la como se nada tivessem com ela, vislumbrando no integralismo a única saída à ordem decadente⁴⁸. Segundo Demóstheneis Madureira de Pinho, militante da AIB, “o dilema fascismo-comunismo esmagava qualquer capacidade de raciocínio” da juventude da época, “a não ser dos que, herdeiros de uma situação diluída pelo tempo, sonhavam manhosamente em prosseguir naquele jogo vazio e falso que se apelidava de liberal-democracia.”⁴⁹ Estando o liberalismo destronado, Barroso tenta mostrar que, frente a esse dilema, o fascismo era a melhor opção. É nesse intuito que o

⁴⁵ BARROSO, Gustavo. *Brasil, colônia de banqueiros: história dos empréstimos de 1824 a 1934*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936, p. 132.

⁴⁶ _____. *Brasil, colônia de banqueiros*, p. 60, 64.

⁴⁷ _____. *Brasil, colônia de banqueiros*, p. 68.

⁴⁸ MICELI, Sérgio. Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945). In: MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras/Fundação Biblioteca Nacional, 2001, p. 239, 240.

⁴⁹ PINHO, Demóstheneis Madureira de, citado por MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*, p. 139.

autor aproxima o comunismo do liberalismo, ressaltando que ambos faziam parte do mesmo projeto:

Ela [a mocidade] repele o liberalismo que deu a argentários e governantes os meios de realizar as tramas sinistras de que resultaram a nossa escravização e a nossa corrupção. Ela deve também repelir o comunismo, que é a doutrina traiçoeira assoprada ao desespero das massas exploradas por esses mesmos judeus capitalistas e esses mesmos burgueses corruptos, a fim de tirar ao proletariado todos os seus esteios morais: disciplina, hierarquia, família, pátria e Deus, para escravizá-lo de vez ao mais grosseiro materialismo.⁵⁰

Diferente da crítica comunista, portanto, a crítica barrosiana ao sistema capitalista tinha um viés muito mais moral do que econômico. Na concepção do autor, o comunismo seria apenas um alívio momentâneo que os próprios argentários capitalistas lançariam para aplacar o furor das massas exploradas. Capitalismo e marxismo seriam doutrinas aparentemente antagônicas, mas a serviço dos mesmos interesses – os interesses judaicos – e atentando contra o proletariado, já que o afastaria de valores fundamentais como a família, a religião e a pátria. A fim de evidenciar essa desconstrução do antagonismo entre comunismo e capitalismo, que era marcante no discurso integralista de modo geral, Barroso escreve:

O problema fundamental da nossa pátria é a sua escravização secular ao capitalismo internacional. Contra isso é que devemos achar remédio. O liberalismo-democrático de coroa e de barrete frígido conduziu-nos a esse estado de coisas [...]. O comunismo pretende-se com credenciais bastantes para resolver o problema e mente pela gorja, como diziam os clássicos. Porque o comunismo é a outra face do capitalismo. Ambos formam o deus Janus do materialismo moderno [...]. Tanto o capitalismo científico como o comunismo científico saem do liberalismo econômico, são seus filhos gêmeos e pretendem a mesma absoluta autonomia e preponderância dos fenômenos econômicos e dos fenômenos materiais sobre os fenômenos espirituais, morais e religiosos.⁵¹

Tanto em Gustavo Barroso como em Gottfried Feder, o eixo da desconstrução do antagonismo entre comunismo e capitalismo é o judeu. Associando o capitalismo e o comunismo a maquinacões judaicas para conquistar o mundo, os autores encontram argumentos para dizer que essas forças são parceiras no mesmo projeto de destruição das nações. Assim como o capitalismo e o comunismo, o judeu é visto como um povo cosmopolita, desenraizado, incapaz de constituir uma nação. Por isso, Barroso vale-se de duas grandes personalidades judaicas para enfatizar a desconstrução daquele antagonismo:

Durará isso para sempre? Será esse o nosso trágico destino? Seremos servos humildes do judaísmo capitalista de Rotschild ou escravos submissos do judaísmo comunista de Trotsky, pontos extremos da oscilação do pêndulo judaico no mundo? Ou encontraremos no fundo da alma nacional aquele espírito imortal de catequizadores, descobridores, bandeirantes e guerreiros, único que nos poderá livrar de ambos os apocalipses? Desperta Brasil,

⁵⁰ BARROSO, Gustavo. *Brasil, colônia de banqueiros*, p. 194.

⁵¹ _____. *Brasil, colônia de banqueiros*, 115, 116.

“adormecido eternamente em berço esplêndido”, desperta e caminha! Já é tempo de fazeres retinir e retilintar as tuas algemas, amedrontando os que te vendem ainda e os que te têm comprado!⁵²

Vemos aqui a influência que o integralista cearense recebeu de Léon de Poncins, pensador antisemita que denunciou um plano judaico-maçônico de dominação mundial⁵³. Assim como Poncins, Barroso associa capitalismo e comunismo respectivamente a Rotschild e Trotsky, importantes figuras de origem judaica. Apenas o integralismo conseguiria compreender os problemas brasileiros e, portanto, solucioná-los, pois só ele seria uma doutrina tipicamente brasileira e somente ele teria conseguido reconhecer os verdadeiros inimigos do Brasil.

Assim como o nacional-socialismo invocava a Idade Média e o fascismo italiano apelava às glórias do Império Romano, o integralismo mobilizava seus “sonhos do passado”, exortando os brasileiros a resgatarem seu espírito de catequizadores, bandeirantes, descobridores e guerreiros. Paxton escreve que o fascismo não inventava seus mitos, preferindo escolher, entre os mitos nacionais já existentes, aqueles que atendiam às suas propostas de mobilizar as massas, unificar, purificar e lutar contra o individualismo liberal e as tensões sociais⁵⁴. Com esse objetivo, Barroso invoca: o jesuíta, responsável por difundir o catolicismo, que se contrapõe ao materialismo liberal e comunista e inibe as tensões sociais; o bandeirante, desbravador dos sertões brasileiros, onde residiriam as raízes da brasilidade, em oposição ao litoral cosmopolita; e, por fim, o índio, figura que transcende os regionalismos.

O mais marcante na argumentação de *Brasil, colônia de banqueiros* é o uso de metáforas coloniais para descrever a posição do Brasil diante do capitalismo internacional. Termos e expressões como “servos humildes”, “escravos submissos” e “algemas” pintam um quadro no qual o povo está de joelhos diante do capital financeiro, indiferente aos sofrimentos e aflições das nações. Tal como Feder, para quem o povo alemão era “chicoteado pelos juros” e a Alemanha era “uma colônia escravizada”, Barroso descreve a relação de seu país com o capitalismo usando metáforas que denotam prostração e submissão:

Assim, prossegue a marcha da escravidão de um povo. Os empréstimos se multiplicam; as emissões espinhosas se reproduzem; as operações e negócios estabelecem a trama com que se manietam a nacionalidade. E um país que chegou a esse ponto não tem mais do que deixar-se sugar pelo tremendo polvo que lhe lançou as antenas. Pois a confusão se estabelece em todos os quadrantes da vida nacional. Os partidos políticos, em cuja proa aparece a catadura dos amigos dos banqueiros, assumem atitudes as mais variadas, para iludir o povo, ora com o regionalismo separatista, ora com o acenar novas e maiores liberdades, ora a defender obscuros princípios revolucionários.⁵⁵

⁵² _____. *Brasil, colônia de banqueiros*, p. 85.

⁵³ Ver: PONCINS, Léon. *As forças secretas da revolução: judaísmo, maçonaria*. 2ª edição. Tradução de Maria Guaspari. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1937, 263p.

⁵⁴ PAXTON, Robert O.. *A anatomia do fascismo*, p. 76.

⁵⁵ BARROSO, Gustavo. *Brasil, colônia de banqueiros*, p. 18, 19.

É visível, tanto em Gottfried Feder como em Gustavo Barroso, esse empenho em esboçar um quadro caótico da realidade de seus países. “A confusão se estabelece em todos os quadrantes da vida nacional”, diz Barroso. “O caos reina sobre a Terra, confusão, luta, ódio, inveja, briga, opressão, exploração, brutalidade, egoísmo [...]. As mentes estão confusas!”⁵⁶, diz Feder. Muitas vezes, os autores parecem mais empenhados em alardear as ameaças que pairam sobre seus países do que em exaltar as virtudes de suas doutrinas. A “inversão”, tal como colocada por Balandier, desempenha então um papel fundamental nos escritos de nossos autores. A ordem que cada autor propõe “extraí as forças que a revigora” justamente da desordem em que aqueles países estavam. Assim, “a inversão da ordem não é sua derrubada, dela é constitutiva [...] [e] pode ser utilizada para reforçá-la”.⁵⁷

A AIB, assim como tantos outros grupos políticos na América Latina, se mobilizava em prol da soberania nacional, criticando a opressão do capital estrangeiro. Por mais que grande parte desses outros grupos políticos se situasse à esquerda do espectro político, no Brasil dos anos 1920 e 1930 havia temas-chave que eram mobilizados tanto à direita como à esquerda. Os ataques às companhias estrangeiras, aos latifundiários e seus agentes e o clamor pela maior interferência do Estado na economia eram alguns deles⁵⁸. Logo, a teoria da “servidão dos juros” de Gottfried Feder foi bastante instrumental para Gustavo Barroso. É interessante perceber como um intelectual brasileiro se apropriou da argumentação de um estudioso nazista aplicando-a a realidade de seu país. Valendo-se de metáforas coloniais como “servidão”, “escravização” e “algemas”, Barroso mostra como o diagnóstico nazista da realidade alemã era similar ao diagnóstico que o integralismo fazia do Brasil. Em um país que já havia sido colonizado de fato, no qual a escravidão já tinha sido a força de trabalho predominante e cujos grandes debates, nos anos 1930, giravam em torno da autonomia econômica e cultural diante das potências estrangeiras, o uso de metáforas coloniais parecia ainda mais adequado do que na Alemanha submetida ao *Diktat* de Versalhes. O próprio nome de sua obra – “colônia de banqueiros” – expressa certa angústia diante de um país cuja independência política já durava mais de um século, mas cujo fantasma da dependência continuava a assombrar. Por isso a obsessão integralista com a “falácia autonomística”, com o “nacionalismo narcisista” e com a ideia de nação “auto-engendrada”, vedada a influências estrangeiras⁵⁹. Apesar de suas pretensões imperialistas, o nacional-socialismo alimentou, no Brasil, um discurso anti-imperialista, de maneira que movimentos nacionalistas “sob a órbita das novas ideologias em voga na Europa buscavam se apresentar como a solução entre as propostas políticas tradicionais de suas respectivas realidades nacionais.”⁶⁰

⁵⁶ FEDER, Gottfried. *Das Programm der NSDAP*, p. 24.

⁵⁷ BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Tradução de Luiz Tupy Caldas de Moura. Coleção Pensamento Político, volume 46. Brasília: UnB, 1982, p. 42, 48.

⁵⁸ LEVINE, Robert M.. *O regime de Vargas: os anos críticos, 1934-1938*. Tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 106-107, 112.

⁵⁹ VASCONCELLOS, Gilberto. *A ideologia curupira: análise do discurso integralista*, p. 57-58, 128.

⁶⁰ BARBOSA, Jefferson Rodrigues. *Sob a sombra do eixo: camisas-verdes e o jornal integralista Ação (1936-1938)*, p. 15.

Um bom exemplo de como o tema da soberania nacional era mobilizado tanto por integralistas como pelas esquerdas está nos debates intelectuais da época. A esquerda brasileira acusava os integralistas de serem os verdadeiros inimigos da soberania nacional, agindo a serviço dos “feudal-burgueses” e do imperialismo nazifascista⁶¹. Atento a essas acusações, Barroso retruca que os que acusam o integralismo de ser um capitalismo disfarçado “é que são, na verdade, os agentes secretos dos capitalistas sem pátria, que lançam mão do comunismo para acabar com a família e com as pátrias.”⁶²

Nesse cenário de desolação, apenas o integralismo teria tido a coragem de se levantar contra o capitalismo judaico. Enquanto as demais forças políticas estariam ou comprometidas com esse capitalismo ou alheias ao seu perigo, os integralistas despontariam como os únicos capazes de salvar o Brasil:

Antes de nós, Integralistas, ninguém fizera o povo brasileiro descer aos círculos dantescos desse inferno de sua escravidão, que ele nem mesmo suspeitava e que é a grande causa de todas as suas aflições. Nós resolvemos mostrar-lhe a verdade doa em quem doer, aconteça o que acontecer!⁶³

Desse modo, Barroso demonstra, tal como Feder, uma enorme descrença nas forças políticas tradicionais. Somente por meio da revolução integralista seria possível “descolonizar” o Brasil dos banqueiros que o escravizavam. Como observa Marcos Chor Maio, o integralista cearense propunha, em seus escritos, a libertação do homem do materialismo e a instauração do primado do espírito sobre todas as demais esferas da vida⁶⁴. Só assim seria feita “a Revolução definitiva, a Revolução com R maiúsculo!”, ao contrário das revoluções com “r” minúsculo, que “mudam constituições, mudam homens, mas não mudam os contratos com Londres”⁶⁵. Assim como Feder, Barroso defende uma revolução de cunho moral e espiritual. Essa concepção de revolução já estava presente nos escritos de Plínio Salgado, influenciando Barroso. Para ressaltar que a concepção revolucionária integralista não tinha teor materialista, o integralista identifica o sujeito revolucionário não em uma classe, mas na juventude, pois “Só a mocidade poderá fazer a Revolução com R maiúsculo”, entendendo-se a revolução como “mudança de pensamento, mudança de instituições, mudança de rumos”⁶⁶. Tendo em vista que só o integralismo mostrara aos brasileiros o “inferno de sua escravidão”, somente ele seria capaz de reconhecer o verdadeiro inimigo dos brasileiros e salvar o país:

Algum dia liberais e comunistas, reflexos da mesma empresa capitalista, te contaram a história que lês neste livro? Nunca. É um integralista quem tem a coragem de rasgar o véu do templo do Bezerro de Ouro, Senhor do

⁶¹ DUTRA, Eliana Regina de Freitas. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ; Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1997, p. 95.

⁶² BARROSO, Gustavo. *Brasil, colônia de banqueiros*, p. 118.

⁶³ _____. *Brasil, colônia de banqueiros*, p. 60.

⁶⁴ MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento antisemita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 128.

⁶⁵ BARROSO, Gustavo. *Brasil, colônia de banqueiros*, p. 192.

⁶⁶ _____. *Brasil, colônia de banqueiros*, p. 194.

Mundo, de mostrar-te a causa real, a causa mater de todas as tuas aflições, e de dizer-te: Não faz mais revoluções com “r” minúsculo, brasileiro!⁶⁷

A crise brasileira de que o autor fala era oriunda da mesma crise que assolava o restante do mundo: ela teria se iniciado com o fim da Idade Média, sendo agravada pelo iluminismo e pela Revolução Francesa, responsáveis por abalar o poder monárquico e abrir espaço para o racionalismo, o materialismo, o capitalismo e o comunismo. Tal crise seria mais de ordem moral do que social ou econômica, e por isso só uma revolução espiritual iria resolvê-la⁶⁸.

De acordo com nosso autor, “não é só o Brasil a vítima do Super Eldorado Capitalista sem entranhas, mas o mundo inteiro. Daí a sua aflição, a sua inquietação, a sua angústia, o seu desespero”. Por isso o autor expressa sua esperança de que “um dia, os povos compreenderão a verdadeira origem de todos os seus males”⁶⁹. Diferente de Gottfried Feder, que interpreta a revolução nacional-socialista como uma luta do espírito ariano contra o espírito judaico, Barroso conclama todos os povos, independente da origem étnica, à luta contra esse espírito judaico. Essa perspectiva decorre da própria diferença entre o antissemitismo nacional-socialista e aquele propugnado pelo autor integralista. No primeiro caso, o ódio ao judeu é motivado pela crença em “leis naturais” que independem da vontade humana, fundando-se em uma justificação pretensamente científica. Felipe Cazetta observa que “explicações ‘cientificistas’ desempenharam função considerável ao suporte teórico das práticas fascistas de modo geral”, embora fossem mais fortes na ideologia nacional-socialista⁷⁰. Já no segundo caso, o antissemitismo aparenta um teor muito mais ético e moral: o judeu é odiado pelas atividades que leva a cabo e por ter recusado a revolução espiritual cristã⁷¹. Tendo em vista que o casamento do homem com a terra era condição fundamental para a fundação de uma nação e que o judeu seria incapaz desse casamento, existiria, segundo Barroso, uma “eterna antinomia entre eles [judeus] e qualquer Estado digno desse nome”⁷².

Entretanto, como aponta Natália dos Reis Cruz, esse teor moral e ético do antissemitismo barrosiano buscava apenas encobrir sua motivação racial, mais clara em *O quarto império*⁷³. Carlos Gustavo Nóbrega Jesus nos mostra que o próprio anticomunismo de Barroso servia para mitigar os aspectos raciais de seu antissemitismo. Uma das tônicas do discurso integralista era a defesa da integração racial. Associando a luta contra o judeu à luta contra o comunismo, o autor evitava atritos com seus colegas, conferindo uma imagem de

⁶⁷ _____. *Brasil, colônia de banqueiros*, p. 192.

⁶⁸ CYTRYNOWICZ, Roney. *Integralismo e antissemitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 1930*, p. 75.

⁶⁹ BARROSO, Gustavo. *Brasil, colônia de banqueiros*, p. 76.

⁷⁰ CAZETTA, Felipe. *Fascismos e Autoritarismos: a cruz, a suástica e o caboclo – fundações do pensamento político de Plínio Salgado – 1932-1945*, p. 46.

⁷¹ MAIO, Marcos Chor. *Nem Rothschild, nem Trotsky*, p. 117, 119. CRUZ, Natália dos Reis. *O integralismo e a questão racial: a intolerância como princípio*, p. 116.

⁷² BARROSO, Gustavo. *Brasil, colônia de banqueiros*, p. 40.

⁷³ CRUZ, Natália dos Reis. *O integralismo e a questão racial: a intolerância como princípio*, p. 213.

coesão ao movimento⁷⁴. Já Manuel Filipe Canaveira ressalta que muitos estudiosos superestimam o teor econômico do antissemitismo de Barroso – teor esse que é desmentido quando analisamos outras obras do autor⁷⁵. Em *História secreta do Brasil*, por exemplo, lemos que os brasileiros devem ao sangue judeu vários de seus defeitos, como a “falta de fixidez no caráter, inclinação a não levar nada a sério, capacidade de deformar todas as ideias, indisciplina inata e prazer do despistamento.”⁷⁶

Tentando manter-se fiel ao ideal integralista de integração racial, Barroso enfatiza a luta de todas as etnias contra os banqueiros. Comentando os empréstimos contraídos pelo Brasil para “comprar” sua independência, o autor escreve:

Foi o que nos custou o reconhecimento da nação através das negociações com Lord Canning. Os brasileiros humildes, brancos, caboclos, negros e mestiços, unidos como nos gloriosos dias da guerra holandesa, haviam derramado seu sangue no Genipapo, em Itaparica e em Pirajá. Os brasileiros chamarrados [sic] de ouro fizeram as combinações diplomáticas, os pactos de família e as negociatas de dinheiro...⁷⁷

Diferente do nacional-socialismo, o integralismo não defendia uma nação em si, mas um “projeto de nação” que visava forjar uma homogeneidade étnica e cultural por meio da miscigenação racial⁷⁸. Esse elogio da mestiçagem acabou despertando a desconfiança dos nazistas em relação ao integralismo⁷⁹. Assim, Barroso fez uma leitura seletiva dos escritos de Feder, apropriando-se do seu teor anti-imperialista, mas ignorando as passagens que atribuíam a superioridade a uma determinada raça ou povo.

Vemos, portanto, que enquanto o nacional-socialismo fundamentava-se em um nacionalismo agressivo e expansionista, o integralismo baseava-se em um nacionalismo defensivo, “como meio de proteção da família pequeno-burguesa, ameaçada pela lógica imanente à acumulação ampliada do capital”⁸⁰. O nacionalismo defensivo “não se afirma em contraposição à humanidade em geral e não nega os valores das outras nações”⁸¹. Enquanto Feder exorta à união de todos os alemães contra as nações que os oprimem, a obra de Barroso não distingue nações opressoras de nações oprimidas. Para o integralista, todas as nações estariam na mesma condição de opressão, devendo, portanto, se unir contra seus opressores:

⁷⁴ JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega. O anticomunismo de Gustavo Barroso como instrumento para um discurso intolerante. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA-ANPUH. *Anais...* São Paulo: julho 2011. 16p.

⁷⁵ CANAVEIRA, Manuel Filipe. Portugal semente de impérios no pensamento integralista de Gustavo Barroso. In: *Estudos filosóficos* (nº 3, 2009), p. 177-185, DFIME, UFSJ, p. 3-4.

⁷⁶ BARROSO, Gustavo. *História secreta do Brasil*. Primeira reedição. Volume 1. Edição comemorativa do centenário de Gustavo Barroso, nº 3. Porto Alegre: Editora Revisão, 1990, p. 49.

⁷⁷ _____. *Brasil, colônia de banqueiros*, p. 50.

⁷⁸ CRUZ, Natália dos Reis. *O integralismo e a questão racial: a intolerância como princípio*, p 109, 111.

⁷⁹ GERTZ, René E. Influência política alemã no Brasil na década de 1930. Acesso em 08: de dez. 2013.

⁸⁰ RAGO FILHO, Antônio. *A crítica romântica à miséria brasileira: o integralismo de Gustavo Barroso*. Dissertação (mestrado em história). PUC-SP, Programa de Pós-Graduação em História, São Paulo, 1989, p. 27.

⁸¹ KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*, p. 13.

os judeus⁸². Provavelmente influenciado pelo chamado de Gottfried Feder em *Manifest zur Brechung der Zinsknechtschaft des Geldes* - “trabalhadores do mundo, uni-vos!”⁸³, Barroso vai além e conclama: “nacionalistas de todos os países, uni-vos!”⁸⁴. Tal nacionalismo defensivo, porém, acabaria se chocando com os próprios dilemas do fascismo, já que “o relacionamento entre movimentos e Estados fascistas gira em torno da competição nacionalista e da solidariedade/competição ideológica”. Tal dilema “fatalmente minaria as relações do Integralismo com italianos e alemães e levaria um Brasil integralista e um Eixo vitorioso na guerra ou à guerra aberta ou, o que é mais provável, à subordinação imperial”⁸⁵.

Os programas fascistas, por mais que se apropriassem do passado, não tinham compromisso com uma continuidade conservadora⁸⁶. Baseado em Chasin, Antônio Rago Filho diz que o nacional-socialismo era um fenômeno de um país de capitalismo tardio, ávido por empreender sua expansão imperialista, sendo entusiasta, portanto, da industrialização e admitindo o esfacelamento das relações sobre as quais a sociedade tradicional se assentava. Já o integralismo não tinha pretensões imperialistas e se encolhia diante dessas transformações sociais e econômicas, temendo o esfacelamento da sociedade tradicional⁸⁷. A crítica integralista a liberais e marxistas se baseia justamente no argumento de que eles estariam catalisando esse esfacelamento. Barroso denuncia a “marcha avassaladora” do capital que, em sua ação destrutiva, atentava “contra os princípios fundamentais da civilização cristã, como sejam o princípio da família e o princípio da nação”⁸⁸. Essa diferença tão importante expressa a própria composição original desses movimentos. Enquanto o NSDAP reuniu elementos marginalizados da sociedade alemã na República de Weimar, a AIB era formada por intelectuais (juristas, jornalistas, etc.) que já gozavam de renome e prestígio na Primeira República. Os segundos se viam diante do esfacelamento de uma ordem que os privilegiava, ao passo que os primeiros encaravam o declínio de um *status quo* dos quais nunca haviam se beneficiado⁸⁹. Não é à toa que Barroso lamenta tanto os efeitos perversos do capitalismo e do comunismo sobre a família, a religião e a pequena propriedade, ao passo que Feder elogia as virtudes industriais alemãs e reconhece a importância da grande propriedade, dos trustes e dos cartéis.

⁸² Felipe Cazetta e Manuel Filipe Canaveira relativizam esse caráter defensivo do nacionalismo integralista. Ver: CAZETTA, Felipe Azevedo. *Fascismos e Autoritarismos: a cruz, a suástica e o caboclo – fundações do pensamento político de Plínio Salgado – 1932-1945*, p. 141-142. CANAVEIRA, Manuel Filipe. Portugal semente de impérios no pensamento integralista de Gustavo Barroso, p. 6.

⁸³ FEDER, Gottfried. *Das Manifest zur Brechung der Zinsknechtschaft des Geldes*, p. 62. “Werkstätige aller Länder, vereinigt euch!”

⁸⁴ BARROSO, Gustavo. *O quarto império*, p. 169.

⁸⁵ BERTONHA, João Fábio. A questão da “Internacional Fascista” no mundo das relações internacionais: a extrema direita entre solidariedade ideológica e rivalidade nacionalista. In: *Revista brasileira de política internacional*. 43 (1): 99-118 [2000], p. 112.

⁸⁶ CAZETTA, Felipe Azevedo. *Fascismos e Autoritarismos: a cruz, a suástica e o caboclo – fundações do pensamento político de Plínio Salgado – 1932-1945*, 172p.

⁸⁷ RAGO FILHO, Antônio. *A crítica romântica à miséria brasileira*, p. 400.

⁸⁸ BARROSO, Gustavo. *Brasil, colônia de banqueiros*, p. 17.

⁸⁹ Sobre a origem social dos membros iniciais do NSDAP, ver: SHIRER, William Law. *Ascensão e queda do Terceiro Reich*. 6ª edição, Volume 1, trad. Pedro Pomar, Leonidas Gontijo de Carvalho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

Ademais, enquanto os nazistas dependiam do apoio do grande capital para ascenderem ao poder, os integralistas, vivendo num país onde esse grande capital era incipiente, não possuíam tal compromisso. Seu compromisso era justamente com aquele que tomou, para si, a responsabilidade de ser o agente da modernização brasileira: o Estado. Tanto é que, em 1937 os integralistas desistem da candidatura à presidência e passam a apoiar Vargas, auxiliando-o na instauração do Estado Novo. Como bem observou Sérgio Buarque de Holanda em sua obra-prima, escrita no auge da AIB, “o ‘integralismo’ será, cada vez mais, uma doutrina acomodatória, avessa aos gestos de oposição que não deixam ampla margem às transigências, e partidária sistemática da Ordem, quer dizer do poder constituído”⁹⁰. Para retomarmos o vocabulário de Balandier: Barroso e os integralistas lamentam a “inversão” da ordem, mas tentam se ajustar à nova realidade, ao passo que Feder e o nacional-socialismo aceitam desde o princípio essa inversão e tentam utilizá-la a seu favor.

Contemporâneo de Barroso (com quem chegou a trocar cartas), Sérgio Buarque de Holanda notou ainda que o integralismo carecia da truculência que tanto marcou seus congêneres europeus. No Brasil, o fascismo se transformara, segundo o autor, “em pobres lamentações de intelectuais neurastênicos”⁹¹ – aqueles intelectuais que, como nos mostra Miceli, viram seus padrões da ordem oligárquica alijados do poder após 1930 e 1932. Em uma dessas lamúrias, Barroso estigmatiza o Brasil em uma triste figura da literatura nacional ao dizer que o empréstimo contraído pelo Império em 1829 foi “a segunda volta das moedas do banguê de espremer ouro do infeliz e caluniado Jeca-Tatu, o começo do giro dum parafuso sem fim...”⁹² O Jeca-Tatu representa o caboclo, o habitante do interior do Brasil que, para o integralismo, seria o depositário da verdadeira brasilidade. Tal como Feder, Barroso idealiza o homem do campo como um ser não corrompido por ideias estrangeiras. Assim, o integralismo confia que a “revolução integralista” partiria dos “sertões” para o litoral do país⁹³.

Enquanto Barroso empreendia uma “crítica romântica” ao capitalismo (para usarmos a expressão de Antônio Rago Filho), o discurso nacional-socialista era alimentado pelo “romantismo de aço” (*stäblernde Romantik*) de Joseph Goebbels, que, longe de propor a fuga para o campo, exortava os alemães a lançarem-se corajosamente ao futuro e a encarar de frente os problemas trazidos pela modernidade. Esse romantismo, segundo Goebbels, era mais dinâmico e ativo do que o “bucolismo *völkisch*” do romantismo tradicional⁹⁴. Fiel a esse “romantismo de aço” e ao caráter agressivo da política externa nacional-socialista, Feder defende a industrialização e reclama o direito da Alemanha de se expandir territorialmente.

⁹⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 14ª edição. Coleção documentos brasileiros, volume 1. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1981, p. 141.

⁹¹ _____. *Raízes do Brasil*. Coleção documentos brasileiros, volume 1. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1936, p. 159.

⁹² BARROSO, Gustavo. *Brasil, colônia de banqueiros*, p. 57.

⁹³ CAZETTA, Felipe Azevedo. *Fascismos e Autoritarismos: a cruz, a suástica e o caboclo – fundações do pensamento político de Plínio Salgado – 1932-1945*, p. 130-131.

⁹⁴ HERF. Jeffrey. *O modernismo reacionário*, p. 61, 218.

Porém, reconhecer a especificidade do integralismo não significa negar ao integralismo a alcunha de fascismo. Amparado em Chasin, Jefferson Rodrigues Barbosa defende que o integralismo não era fascista porque o fascismo é um produto do capitalismo avançado, sendo que o Brasil dos anos 1930 tinha um capitalismo ainda incipiente⁹⁵. No entanto, como bem observa Edgar Serrato, nenhuma ideia está fora do lugar se compreendermos os motivos pelos quais ela chegou ali⁹⁶. O problema com esse tipo de explicação é que encontramos uma série de similaridades entre os fascismos europeus e o integralismo brasileiro, mas, diante da constatação de que o Brasil carecia de um capitalismo plenamente desenvolvido, passamos por cima desses pontos de contato e negamos ao integralismo a alcunha de fascismo, sob a justificativa simplista de que ele não atendia a um “pré-requisito” de ordem estrutural. Talvez seja o caso de pensarmos que a ausência de um capitalismo avançado no Brasil inviabilizou a existência de um “regime” fascista, mas não a emergência de um “movimento” fascista no país⁹⁷.

Argumenta-se que a AIB “não pode receber a mesma denominação da experiência italiana para que não retornemos às generalizações de experiências históricas e políticas que não são homogêneas”⁹⁸. No entanto, quando usamos o termo “fascismo” para denominar experiências, em momento algum estamos admitindo uma homogeneidade entre elas, mas sim reconhecendo que elas possuem uma série considerável de pontos em comum que não constituem mera coincidência. Não havia homogeneidade entre os fascismos, assim como não havia homogeneidade entre os regimes comunistas ou entre os regimes absolutistas⁹⁹. Aliás, nem mesmo dentro de um regime fascista há homogeneidade, pois ele sofre muitas transformações ao longo de sua existência¹⁰⁰. Assim, como observa Renzo de Felice, o fascismo enquanto regime se restringiu ao continente europeu, mas os movimentos fascistas também existiram fora da Europa¹⁰¹.

Gramsci nos mostra que “uma ideologia nascida num país desenvolvido difunde-se em países menos desenvolvidos, incidindo no jogo local das combinações”¹⁰², isto é, alterando o processo de equilíbrio entre os grupos dominantes e os grupos subordinados. Uma vez no

⁹⁵ BARBOSA, Jefferson Rodrigues, *Sob a sombra do eixo: camisas-verdes e o jornal integralista Ação* (1936-1938), p. 212.

⁹⁶ SERRATTO, Edgar Bruno Franke. Estudos sobre o integralismo e seus momentos. In: XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA-ANPUH. *Anais...* São Leopoldo, 2007, p. 1-10. P. 4, 5.

⁹⁷ Digo isso no sentido de que, como não havia um capitalismo financeiro e industrial desenvolvido no Brasil, o integralismo não conseguiu fazer as alianças necessárias para deixar de ser um movimento e virar um regime.

⁹⁸ BARBOSA, Jefferson Rodrigues, *Sob a sombra do eixo: camisas-verdes e o jornal integralista Ação* (1936-1938), p. 220.

⁹⁹ “Os temas que atraem os fascistas de uma tradição [...] podem parecer [...] tolos a uma outra [...]. Os enevoados mitos nórdicos que emocionavam noruegueses e alemães soavam ridículos na Itália, onde o fascismo recorria principalmente a uma *romanità* ensolarada”. PAXTON, Robert O., *A anatomia do fascismo*, p. 76.

¹⁰⁰ Paxton analisa a ascensão do fascismo em cinco estágios: o surgimento do movimento, seu enraizamento na sociedade, a conquista do poder, o exercício do poder e o dilema entre a radicalização e a entropia. Ver: PAXTON, Robert O. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

¹⁰¹ FELICE, Renzo de citado por BARBOSA, Jefferson Rodrigues, *Sob a sombra do eixo: camisas-verdes e o jornal integralista Ação* (1936-1938), p. 197.

¹⁰² GRAMSCI, Antonio. *Maquiavel, a política e o estado moderno*. 5.edição. Tradução de Luiz Mário Gazzaneo. Rio de Janeiro: 1984, p. 51.

Brasil, o fascismo foi apropriado e ressignificado. Em um país no qual “a modernização capitalista impunha mudanças nos padrões sociais”, e os atores sociais viam seus papéis sociais redefinidos “pelas mudanças na estabilidade das elites tradicionais, pela conquista de um espaço político [...] pelas camadas médias urbanas, e pela expansão da burocracia e o desenvolvimento da indústria”¹⁰³, o fascismo acabou servindo aos interesses das camadas médias urbanas que estavam “órfãs” das oligarquias agrário-exportadoras e reagiam às transformações sociais e econômicas. A AIB foi um dos muitos “empreendimentos de salvação” aos quais muitos intelectuais recorreram ao perceberem que a derrota da ordem oligárquica à qual serviam era irreversível¹⁰⁴.

Uma vez no Brasil, o fascismo também foi influenciado pelo pensamento nacionalista e autoritário em voga durante a Primeira República. No integralismo, “elementos comparáveis, no que tange a aspectos da ideologia, de projeto político, organização do Estado e características estéticas, com seus congêneres europeus são inegáveis”. Isso, porém, não impede que dentro do sistema ideológico integralista estejam “fundamentados elementos que já estavam no debate intelectual nacional”¹⁰⁵. Em vez de usar esses fatos como argumento para retirar do integralismo a alcunha de fascismo, preferimos pensá-los como variações dentro do fascismo. Felipe Cazetta nega ao integralismo a alcunha de fascismo, enfatizando seu compromisso com instituições tradicionais, como a Igreja Católica, e alegando que, diferente do nacional-socialismo, no integralismo é importante “o apelo à figura divina para se combater o comunismo e o liberalismo, ao passo que no fascismo e no nazismo a religião deve primeiro fortalecer o culto à nação.”¹⁰⁶

Entretanto, por mais que importantes intelectuais católicos se mostrassem simpáticos ao integralismo, a relação AIB-Igreja foi marcada por atritos. Segundo Max Weber, a política é uma das muitas esferas que entraram em conflito com as chamadas “religiões de salvação”. A ideia de uma divindade universal e amorosa trouxe à tona as tensões entre a política e a religião, uma vez que as pretensões estatais ao monopólio legítimo do uso da força e a defesa da violência contra ameaças externas e internas se chocavam com as concepções religiosas, afastando-se assim da fraternidade que as religiões de salvação pregam¹⁰⁷. Ao recorrer “a uma proposta de sociedade em que a própria utopia moderna de ordem e controle seja recuperada”¹⁰⁸, instituindo o partido único e a centralização do poder, o integralismo acabou sendo protagonista desse choque inevitável que Max Weber previu. O bispo Dom Gastão

¹⁰³ BARBOSA, Jefferson Rodrigues, *Sob a sombra do eixo: camisas-verdes e o jornal integralista Ação (1936-1938)*, p. 43.

¹⁰⁴ MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*, p. 118, 119.

¹⁰⁵ BARBOSA, Jefferson Rodrigues, *Sob a sombra do eixo: camisas-verdes e o jornal integralista Ação (1936-1938)*, p. 65.

¹⁰⁶ CAZETTA, Felipe Azevedo. *Integralismo e fascismos: exposições entre diferenças e semelhanças*. In: *Temporalidades* (Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG). P. 112-22, Belo Horizonte, volume 2, Nº 1, janeiro/julho 2010, p. 114.

¹⁰⁷ Ver: WEBER, Max. *Rejeições religiosas do mundo e suas direções*. In: _____. *Textos selecionados*. 3ª edição. Traduções de Maurício Tragtenberg ... [et al.]. São Paulo: Abril Cultural, 1985. 266p.

¹⁰⁸ CRUZ, Natália dos Reis. *O diálogo entre o moderno e o antimoderno no discurso da Ação Integralista Brasileira*. In: *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. 37, n. 2, p. 196-214, jul./dez. 2011, p. 197-198.

Liberal Pinto denunciava a pretensão integralista de submeter a Igreja à política, afirmando que a Ação Católica já servia aos católicos interessados por política¹⁰⁹. Outro religioso da época, o padre Everardo Guilherme, condiciona o sucesso da AIB ao fato de ela não defender os interesses nacionais “com uma paixão ‘chauvinista’”, a exemplo do nacional-socialismo¹¹⁰.

Logo, o integralismo não foi um movimento autoritário de tipo tradicional. Diferente do integralismo lusitano e da Ação Imperial Patrionovista, por exemplo, o integralismo não propunha o retorno da monarquia. Apesar do apelo religioso, o integralismo não propôs um Estado confessional. As Diretrizes Integralistas de 1933 defendiam o “regime de concordata, sem perda de autonomia das partes [Igreja e Estado]”¹¹¹. Ademais, cremos que não se pode exagerar a “regressividade” do integralismo, tal como colocado por Chasin¹¹². A elite pensante do movimento integralista era composta por figuras que buscavam assegurar o espaço das camadas médias urbanas em uma sociedade marcada por transformações e pelo acirramento de conflitos que tais transformações traziam. Por isso é notável, no discurso integralista em geral e no discurso de Barroso em particular, essa tentativa de disciplinar capital e trabalho para viabilizar o rearranjo dessas camadas a essa nova configuração de forças¹¹³. Assim, “a restauração que [os integralistas] defendiam não era de um tipo de sociedade anterior, mas dos princípios que a regiam”¹¹⁴, não no sentido de frear a modernização, mas sim no sentido de discipliná-la, permitindo o rearranjo dessas camadas.

Toda ideia sofre alterações de país para país, e mesmo em um país ao longo do tempo. O comunismo chinês era distinto do comunismo soviético, que também diferia do comunismo cubano. Mas isso não nos impede de chamá-los de regimes comunistas¹¹⁵. É claro que, em se tratando do comunismo, por mais diversas que tenham sido as experiências, em maior ou menor grau todas elas sempre se apresentaram como tributárias do pensamento de Karl Marx. Porém, não há nenhum pensador a quem possamos atribuir primazia no fascismo¹¹⁶. Sendo assim, achamos a abordagem generalizante do fascismo mais pertinente do que aquelas que buscam restringir o fenômeno aos casos italiano e alemão ou apenas ao caso italiano. Faz-se necessário um termo genérico que dê conta da mais importante novidade do século XX: um movimento popular contra a esquerda e contra o individualismo liberal. Essa grande “novidade” do século XX se torna tanto mais importante quanto mais percebemos que, com a emergência do fascismo, “a esquerda deixava de ser o único recurso para os

¹⁰⁹ RAGO FILHO, Antônio. *A crítica romântica à miséria brasileira: o integralismo de Gustavo Barroso*, p. 213, 214.

¹¹⁰ GUILHERME, Everardo. *Solidarismo e os sistemas fascistas*. Rio de Janeiro: Editora ABC limitada, 1937, p. 75.

¹¹¹ SALGADO, Plínio. Diretrizes Integralistas. In: _____ *O integralismo perante a nação*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1950, p. 38.

¹¹² Ver: CHASIN, Jose. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. 2. ed. Belo Horizonte: Una Editora; São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem, 1999. 640p.

¹¹³ CRUZ, Natália dos Reis. *O integralismo e a questão racial: a intolerância como princípio*, S/p.

¹¹⁴ _____. O diálogo entre o moderno e o antimoderno no discurso da Ação Integralista Brasileira, p. 204.

¹¹⁵ “The aspect of Communism changes according to whether it is practiced by Russians, Serbo-Croats, or Chinese; but we can study the theory of Communism and learn a good deal from it”. WEBER, Eugen, *Varieties of fascism*, p. 10.

¹¹⁶ Embora Georges Sorel, Charles Maurras, Leon de Poncins e Houston Stewart Chamberlain sejam frequentemente citados.

ofendidos e para aqueles inebriados por sonhos de mudança”¹¹⁷. O integralismo, assim como outros fascismos, respondia a uma crise generalizada, mas encarada em cada país de maneira diferente, já que ela se manifestou em cada país de maneira distinta. Tem-se, portanto, que:

[...] os movimentos autoritários do período compartilhavam um “fundo fascista”, composto pelos seguintes elementos: resolução da questão social e da expropriação capitalista através da colaboração entre as classes, e não da luta de classes; liquidação completa e absoluta da sociedade liberal e do homem liberal, ou seja, o indivíduo, criando-se um novo homem desprovido de interesses particulares e identificado com a doutrina; defesa de uma “revolução espiritual interior”, permitindo a elaboração desse “novo homem”. *Cada movimento de caráter fascista seleciona, combina e interpreta este “fundo” de modo peculiar, ocorrendo uma variação interna, não necessariamente uma divergência.*¹¹⁸ (Grifo nosso)

Conclusões

Como vimos, a desconstrução do antagonismo entre comunismo e capitalismo, a defesa da revolução espiritual, o antissemitismo, a valorização do homem do campo contra o cosmopolitismo e o desenraizamento representados pelo judeu e, acima de tudo, uma retórica anti-imperialista são traços marcantes nas obras de Gustavo Barroso e de Gottfried Feder. A fim de enfatizar a situação de submissão de seus países, os autores se valem de termos como “algemas”, “escavidão”, “servidão” e “colônia”. O nacional-socialismo e o integralismo são apresentados, pelos autores, como os únicos caminhos para salvar seus respectivos países dos seus opressores, uma vez que as demais agremiações políticas ou não seriam capazes de reconhecer esses opressores ou seriam cúmplices deles. Barroso viu, em Feder, uma fonte de inspiração para a luta anti-imperialista. A postura combativa frente à opressão do capital financeiro e em prol de uma economia moralizada alimentou o discurso integralista de Gustavo Barroso, pois ela estava afinada com os grandes debates do Brasil nos anos 1930.

Ambos os autores também concentram seus ataques sobre o capital financeiro e especulativo, hostilizando os grandes banqueiros, responsabilizando-os pela miséria de seus países e advogando uma função moralizadora para a economia, mas nunca colocando em xeque a propriedade privada. As duas obras atribuem ao judeu um papel de preponderância nas atividades levadas a cabo por esse capital financeiro – atividades essas que teriam como objetivo enfraquecer as nações extraindo delas suas riquezas. Também fica evidente, nos dois autores, uma grande hostilidade ao materialismo desenfreado ao qual o capitalismo judaico teria conduzido a humanidade. É o que os autores chamam de “mamonismo”: o culto ao dinheiro alçado à condição de objeto pelo qual todos se sacrificam. A solução que ambas propõem é uma revolução espiritual que partisse de cada indivíduo.

¹¹⁷ PAXTON, Robert, *A anatomia do fascismo*, p. 42, 46.

¹¹⁸ CRUZ, Natália dos Reis. *O integralismo e a questão racial: a intolerância como princípio*, p. 13.

Diferente, porém, de seu leitor brasileiro, Feder falava em nome de uma instituição que lutava pelo revigoramento de uma nação que havia se industrializado tardiamente e acabara de ser destruída em uma guerra de proporções nunca antes vistas. Por isso sua retórica era mais ofensiva, mostrando-se entusiasta da grande propriedade, da industrialização e da expansão imperialista a fim de que a Alemanha deixasse de ser um pária no cenário político europeu. Diferente da Alemanha, o Brasil dos anos 1930 não estava em um continente marcado por tensões étnicas, rivalidades nacionais e problemas fronteiriços. Assim, Barroso falava em nome de uma organização sem pretensões imperialistas e mais cautelosa em relação à industrialização e aos seus efeitos, colocando ênfase na defesa da pequena propriedade.

Recebido em: 25/07/2013

Aprovado em: 04/02/2014